



Camila Borges

Investigadora júnior do Centro de Trauma

Ficar desempregada no meio de uma pandemia mundial é uma prova de esforço adicional num momento em que a nossa realidade deixa de fazer sentido. Normalmente, ficar sem trabalho seria desesperante, mas, em circunstâncias tão especiais, é o equivalente a estar encurralada em alguma parte sem saber como sair dali.

Logo em março, na sequência da declaração do estado de emergência, a empresa para a qual trabalhava decidiu dispensar vários trabalhadores - estratégia que continuou pelos meses seguintes levando ao despedimento de mais de mil de pessoas. Os mortos e os infetados eram contabilizados diariamente, mas não víamos representados os números de quem, devido a uma economia fragilizada pela Covid-19, sofreu os efeitos colaterais de toda esta situação. Percebemos nesse momento que o vírus nos cerca de várias formas. Nos objetos e superfícies, no contacto próximo com as pessoas e, sobretudo, na nossa incapacidade de fazer frente a esta conjuntura que, nos avisaram, vai ser prolongada e difícil.

A partilha de um cenário de desemprego com amigos e colegas pode fazer-nos sentir menos sozinhos, depois de o sonho de muitos de nós ter ficado suspenso e muitos anos de trabalho e dedicação terem acabado abruptamente. Foram alguns dias de expectativa, na esperança de que o cenário não fosse tão negro quanto se pensava e que a empresa pudesse precisar de nós a curto prazo. Foi só com o prolongar do confinamento que percebemos que o problema não tinha resolução à vista e a nossa situação era muito precária. As palavras de incentivo que partilhámos ao início iam dando lugar a estratégias de como não sucumbir ao desespero. A esperança no futuro, o consumo de entretenimento capaz de nos alienar eficazmente, as mensagens carregadas de apoio e preocupação foram artifícios que aprendemos a esmerar com o passar dos dias. A aviação provou-se frágil como um organismo exposto ao vírus: não há forma de contornar o fecho de fronteiras, a falta de clientes e a diminuição de voos, que levou inevitavelmente a um desfecho catastrófico.

Ao mesmo tempo, emergiu o discurso de como deveríamos aproveitar este tempo para uma valorização curricular - aprender novas competências ou melhorar as já existentes, aquilo que se propagava como a produtividade na quarentena. E estes incentivos pareciam ser emitidos a partir de uma realidade confortável e distante da minha, potenciados pelos ecos das redes sociais e de uma encenação virtual de como é pacífica a jornada por este momento. Nessa altura, como pensar em estudar, aprender e rentabilizar os

dias num cenário onde a incerteza reina e a ansiedade de ter perdido o controle sobre tudo à nossa volta é o novo normal? No meu caso, o empenho em algumas tarefas foi usado apenas como estratégia de sobrevivência, para que a quarentena decorresse sem desalento.

Não foi fácil ficar desempregada, longe de casa, sem poder estar fisicamente com a família e os amigos, ao invés estar cercada de notícias que catapultavam os meus níveis de ansiedade e angústia. Sentia-me culpada por estar mal ao ver-me sem trabalho, e achava que o meu problema era menor comparado ao de outras pessoas, que ficavam doentes ou morriam. A novidade de uma pandemia global também se estende assim à forma como o desemprego é vivido, onde se contabilizam cada vez menos as possibilidades de um emprego e a ambiguidade de sentimentos é uma constante. Para quem perdeu a sua fonte de rendimento a luz ao fundo do túnel está bem longe.